



Samba mandou me chamar

Aos 80 anos e **reconhecido mundialmente por sua sofisticação** como melodista, **Ivan Lins mergulha nas raízes** que sempre rondaram sua obra. Em **“Sambadouro”, seu novo disco**, o compositor cai no samba com participações de Zeca Pagodinho, Xande de Pilares, Mart’nália, Péricles e Ferrugem. Para ele, era um **sonho antigo homenagear o gênero que lhe “ajudou a amar mais”** o seu país. Página 3

EM CONCERTO

Por **MARCUS VERAS**



Rodrigo Rosenthal/Divulgação

Festival dedica programação à obra do violoncelista

Para lembrar a arte de Antonio Meneses

No dia em que completaria 69 anos, o violoncelista Antonio Meneses (1957-2024) ganha homenagem no palco onde por tantas vezes compartilhou sua generosa arte: Sala Cecília Meireles. No dia 23, domingo, às 11h, o apARTE Festival encerra sua edição 2026 reunindo bolsistas e artistas convidados em uma celebração do legado artístico e humanístico de Meneses.

No repertório, duas obras do classicismo: a serenata Eine kleine Nachtmusik em Sol maior, de Mozart, e a dramática Sinfonia nº 5 em Dó menor, de Beethoven. Tudo a ver com a arte elegante e requintada de Meneses, que cativou plateias no Brasil e no exterior. Ingressos a partir de R\$ 20,00 na bilheteria da Sala ou pelo aplicativo Eleven Ticket/FUNARJ.

Paisagens sonoras

Com entrada franca e sob a regência de Anderson Alves, a Orquestra Sinfônica Brasileira Jovem se apresenta no dia 24, segunda-feira, às 19h, no Theatro Municipal, com o programa Paisagens Musicais do Século XIX. No repertório, obras de Sibelius (finlandês), Grieg (norueguês) e Dvorak (tcheco), compositores que transformaram as tradições e paisagens de seus países em peças marcantes. Com temporada artística própria, a OSB Jovem é um dos mais importantes projetos de iniciação profissional em música sinfônica no país.

Formas musicais

Ainda dá tempo de usufruir do curso “Formas Musicais” do maestro Ricardo Rocha, regente da Companhia Bachiana Vrsileira, aos sábados, de 10h às 13h, na Escola de Música Villa-Lobos (Rua Ramalho Ortigão nº 9, Centro). Mais informações pelo telefone 21-98133-7880.

Eu recomendo...

O livro “Viagem do Recado: música e literatura” (Cia. das Letras), de José Miguel Wisnik, onde o ensaísta e compositor escreve sobre figuras como Villa-Lobos, Mário de Andrade, Chopin, Tom Jobim entre outros, numa análise da configuração da arte no Brasil.

‘Dom Quixote’ de volta ao Muncipal

Após mais de três anos, “Dom Quixote” reúne o Ballet e a Orquestra Sinfônica da casa em montagem com música de Ludwig Minkus e coreografia de Marius Petipa a partir desta quinta-feira (20). Com regência de Tobias Volkmann, direção geral de Hélio Bejani e participação do bailarino convidado Gabriel Lopes. Ingressos a partir de R\$ 30.



Divulgação



Marcelo Perillier

Roberto Carlos surpreende o público ao cantar “Cavalgada”

Um show que emociona gerações

Em duas horas, Roberto Carlos resume a carreira e vira o maestro de uma plateia cada vez mais crescente de fãs

MARCELO PERILLIER

Alguns podem achar que ele já passou da idade de fazer shows. Outros, que ele nunca deve parar. De fato, a cada casa de espetáculo que passa, os lugares lotam rapidamente. Afinal, é o grande nome da música brasileira. Roberto Carlos pode não ser uma simpatia fora dos palcos, mas quando pisa, esbanja alegria diante do seu público, cada vez mais crescente a cada ano que se passa.

No último fim de semana, no Qualistage, a casa de espetáculos do shopping Via Parque, na Barra da Tijuca, o Rei teria duas apresentações, mas uma delas, no sábado, dia 15, foi adiada para quinta-feira, dia 27, em razão de um problema técnico no sistema de áudio, que não seria resolvido a tempo do show, marcado para começar às 20h30. Porém, no domingo, dia 16, o Rei se apresentou para os seus súditos.

Dos cantores Fábio Jr, Rosemary e Jorge Vercilo; do produtor teatral Cláudio Botelho; do empresário Ricardo Accioly; ao grande público, todos puderam acompanhar

um cantor que passou pela Jovem Guarda, fase romântica, músicas religiosas, momentos de vida e tantas outras canções que puderam ser resumidas em duas horas de cantoria.

Se Eduardo Lages é o maestro de sua banda, Roberto Carlos é o maestro da plateia. A todo instante, nos refrões, principalmente, pedia a voz do povo para ser entoada e, quando sentia algum desafino, voltava ao microfone para dar o arranjo correto, pelo tom perfeccionista que é. Aliás, os toques que o impediam de cantar algumas músicas estão sendo curados, pois no momento de músicas de Jovem Guarda, cantou “O Calhambeque” e “Illegal, Imoral ou Engorda”.

Em “Lady Laura”, uma linda homenagem a mãe, falando que tem emoção zero de cantá-la, mas um amor infinito que ainda sente a cada palavra de entoa. Afinal, a letra é uma lembrança dos tempos que viveu com a pessoa que mais amou na vida.

Claro que os grandes sucessos não poderiam faltar, como “Como é Grande o meu Amor por Você”, com grande coro da plateia no refrão; “Detalhes”, “Além do Horizonte”, “Olha”, “Como vai Você” e

“Emoções, que é a abertura do show.

Escrita como inspiração para muitos homens, “Esse Cara sou Eu” é hoje uma das melhores canções que fazem todos brincarem na plateia. E, consideravelmente, uma das que Roberto canta com grande convicção. Isso sem falar no pout-pouri com “Café da Manhã/ Falando Sério/ Seu Corpo/ Seus Botões/” e em duas que emocionaram bastante o público presente: “Mulher de 40”, onde ele disse que existem muitas mulheres que tem alma de 40 anos, mesmo não parecerem fisicamente com 40 anos; e “Cavalgada”, que fez uma apresentação arrepiante.

Obviamente que não pode faltar as duas clássicas religiosas do Rei: “Nossa Senhora” e “Jesus Cristo”. Assim como aquela que ele canta dedicada ao seu grande parceiro e, aos que muitos dizem, o seu grande amigo, Erasmo Carlos — “Amigo”.

Para encerrar o show, antes da grande guerra das rosas, literalmente é um guerra mesmo, muitas pessoas se espremendo na boca do palco em busca de uma rosa (vermelha ou branca) com as “bênçãos” do Rei, a canção que batiza a turnê “Eu Ofereço Flores”.

Mais do que um show para se emocionar, é um espetáculo para entender como Roberto Carlos é um ícone da música brasileira e consegue arrastar gerações para assistir. Com quase 70 anos de carreira, não a toa é chamado de Rei, por tudo que passou na trajetória da música brasileira e por tudo que inspira artistas de ontem, hoje e de sempre.



Zeca Pagodinho, o sambista mais querido do Brasil, gravou 'Diplomação'



Observados por Diogo Nogueira, Ivan e Mart'nália trocam carinhos

AFFONSO NUNES

A fotografia é pequenina e antiga. Mostra uma casa que não existe mais — demolida, apagada do tecido da cidade como tantas coisas no Rio de Janeiro. Era a casa de Tia Ciata, na Praça Onze, onde João da Baiana, Pixinguinha, Hilário Jovino e Sinhô se reuniam para fazer samba quando o gênero ainda engatinhava. Foi a imagem destre berço esplêndido da cultura brasileira que Ivan Lins escolheu para ilustrar a capa de seu novo disco, “Sambadouro” (Selo Sesc), já disponível nas plataformas digitais e em versão física nas Lojas Sesc.

Ivan, que completou 80 anos em 2025 e recebeu naquele mesmo ano o Prêmio à Excelência Musical do Grammy Latino, o quinto da carreira, sempre circulou pelas bordas do samba sem nele mergulhar nele de cabeça. Sua obra, marcada por harmonias sofisticadas e influências que vão da bossa nova ao jazz, dificilmente seria confundida com a de um sambista puro. Mas o samba, como ele mesmo explica, não era um terreno estranho. Era um terreno demorado. “O samba sempre conviveu comigo, e ele foi entrando devagar porque eu já vinha com outras influências”, observa Ivan. “Foi me levando a esse amor pelas nossas raízes, pelo meu próprio país. O samba me ajudou a amar mais o meu país”, explica.

“Sambadouro” reúne doze faixas que percorrem cinco décadas de criação. “Não Tem Perdão” e “Deixa Eu Dizer”, ambas de 1974, forma pinçadas de seu álbum “Modo Livre”. A inédita “Maravilhado” fecha o disco consolidando o projeto, que ainda traz belezas como “Sambadouro” (1993), “Saravá, Saravá” (2004, parceria com Martinho da Vila) e “Diplomação” (2001, com Zeca Pagodinho).

“Tô quase morrendo do coração aqui porque eu tô ouvindo a minha música de uma maneira que eu, pessoalmente, não me sentiria capaz de fazer exatamente dessa forma”, confessa Ivan, com franqueza. A emo-

O samba como destino

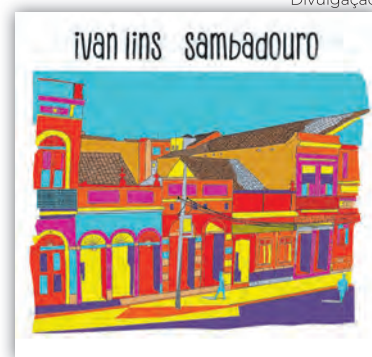
Recentemente laureado com o prêmio de excelência do Grammy Latino, Ivan Lins realiza um sonho antigo ao gravar um disco só de sambas

“O samba significa, para mim, uma identidade. Uma identidade citadina, urbana no Brasil. Desde que eu me senti capaz de entender e compreender música, eu escuto samba”

IVAN LINS



O vozeirão de Péricles marca presença em 'Não Tem Perdão'



Arte sobre foto da casa de Tia Ciata ilustra a capa de 'Sambadouro'



Ferrugem faz dueto com Ivan em 'Deixa Eu Dizer'

ção tem razão de ser.

O disco, explica ele, foi concebido como criação coletiva, já que o artista entregou suas canções a

vozes emblemáticas do samba como Zeca Pagodinho, Xande de Pilares, Mart'nália, Péricles, Ferrugem e Diogo Nogueira, que assumem os

vocais em diferentes faixas, enquanto craques do ritmo como Carlinhos 7 Cordas, Paulão 7 Cordas e Rafael dos Anjos assinam os arran-

jos, e Hamilton de Holanda entra no bandolim com sua virtuosidade habitual.

Essa miríade de convidados permitiu ao compositor encarar sua obra por outros olhos. Baladas sofisticadas ganham o couro, o surdo e o cavaquinho. “Sou eu”, de 1990, chega em parceria com Mart'nália. “Porta Entreaberta”, de “Cantando Histórias” (2004), vem acompanhada de Diogo Nogueira. “Parei contigo”, do mesmo show, recebe o bandolim de Hamilton de Holanda. Cada faixa é um reencontro de Ivan com suas próprias canções e de suas canções com uma tradição tão brasileira.

“O samba significa, para mim, uma identidade. Uma identidade citadina, urbana no Brasil. Desde que eu me senti capaz de entender e compreender música, eu escuto samba”, completa.

Com mais de cinco décadas de carreira, 46 álbuns e canções gravadas por Elis Regina, Ella Fitzgerald, Sting, Quincy Jones e Barbara Streisand, Ivan Lins poderia descansar sobre glórias passadas. Mas escolheu o samba com a coragem de um principiante.

ENTREVISTA | VINÍCIUS DE OLIVEIRA

ATOR

‘Sair do eixo é mais do que uma obrigação’

RODRIGO FONSECA

Especial para o Correio da Manhã

Josué, o órfão em busca de um pai que fez o mundo amar “Central do Brasil” (1998), em sua troca com a escrevedora de cartas Dora (Fernanda Monte-

negro), já foi visto e aplaudido pelos dois filhos de Vinícius de Oliveira, cria do Complexo da Maré que foi parar no Oscar, no fim da década de 1990. Seus meninos, Benjamin, de 13 anos, e Antônio, de 11, já viram (mais de uma vez) o pai a correr pelo Nordeste, sob a direção de Walter Salles, numa trajetória que, fora das telas, colocou o país na corrida do Oscar.

O guri do Complexo da Maré decidiu profissionalizar seus talentos dramáticos depois do êxito mundial do filme que, três décadas atrás, rendeu-nos o Urso de Ouro. Foi estudar Artes Cênicas, sem deixar de atuar. Aos 41 anos de vida, ele festeja seus 30 anos de carreira no 54º Festival de Gramado, aonde foi a fim de arrebatar multidões e, quiçá, trazer um Kikito para casa, concorrendo em duas frentes.

Nesta terça, será visto na disputa oficial de longas com “Leite em Pó”, primeiro longa de ficção de Carlos Segundo, e também participa do certame de curtas-metragens com “Pão Doce”, de Wesley Gabriel. No filme de Segundo, ele interpreta um homem de 40 anos, criado pela avó e fechado num universo particular dominado pelo rock, que precisa sair da zona de conforto à força de uma tragédia familiar.

“Pão Doce”, sobre exploração laboral, passa esta noite também. Nesta entrevista ao Correio da Manhã, Vinícius fala sobre a relação com Josué, a influência de “Central do Brasil”, o momento em que se reconheceu como ator profissional, a experiência de filmar fora do eixo Rio-São Paulo.

Você tem construído uma carreira em parceria com realizadores que têm propostas muito autorais e, muitas vezes, ousadas, como José Eduardo Belmonte, com que fez “Quase Deserto”, e, agora, Carlos Segundo. É uma escolha consciente?

Vinícius de Oliveira - Curiosamente, na maioria das vezes, são eles que chegam até mim. Eu assisto ao trabalho dessas pessoas e tenho vontade de trabalhar com elas, certamente, mas foram elas que tiveram a iniciativa de me procurar. Todos têm muito carinho por “Central do Brasil”, são muito ligados ao Josué e, quando estão escrevendo um personagem, pensando num lado mais terno, acabam se lembrando de mim. Foi assim com Allan Deberton, com quem acabo de fazer



“Adoção”. E foi assim também com Carlos Segundo. Eu o conheci numa mostra que ele fazia em Minas Gerais e, anos depois, ele veio atrás de mim dizendo que faria seu primeiro longa de ficção e que tinha pensado muito em mim. Foi dessa maneira.

Você costuma dizer que gosta de personagens populares. De onde vem essa identificação?

Eu sou muito ligado a essa questão popular por causa de onde venho do Rio de Janeiro: a Maré. Gosto de contar histórias que tenham um diálogo muito aberto e franco com a população, com o espectador, com quem vai assistir. Gosto de fazer todo tipo de cinema, mas às vezes fico interessado em filmes muito “cabeça”, que acabam ficando num nicho muito nosso. Aí, eu penso: por que não furar essa bolha?



Rodrigo Fonseca

“Sou muito ligado a essa questão popular por causa de onde venho do Rio de Janeiro: a Maré. Gosto de contar histórias que tenham um diálogo muito aberto e franco com quem vai assistir”



Vinícius de Oliveira, ainda menino, com Fernanda Montenegro em 'Central do Brasil'

“Tenho muita saudade das filmagens de ‘Central do Brasil’. É o filme do qual tenho uma memória muito nítida de tudo o que fizemos, dos lugares por onde passamos, das situações, das pessoas. Filmar no Nordeste foi uma das coisas mais bonitas que aconteceram na minha carreira”



'Leite em Pó' está na disputa pelo Kikito de melhor longa de ficção

Acho que fazemos cinema para o público. Um filme acontece quando se estabelece essa relação íntima entre a sala de cinema, a projeção e o público, quando as pessoas se emocionam e se identificam de alguma forma.

“Central do Brasil” moldou esse seu entendimento do cinema?

Com certeza. A forma como “Central do Brasil” chegou ao público e continua chegando até hoje

me marcou muito. Não interessa se a pessoa já viu algumas vezes ou se está assistindo pela primeira vez: ela se emociona e acaba se identificando com alguma coisa. Acho que o filme me moldou nesse lugar. É o próprio cinema do Walter também. É um cinema muito popular, no sentido de saber dialogar com o público, como comprovou, mais uma vez, o êxito de “Ainda Estou Aqui”. Acho que fui formado por isso. Hoje, talvez eu seja esse tipo de ator, esse tipo de homem, de personagem.

Em que momento você percebeu que havia se tornado um ator profissional?

Foi em “Linha de Passe” (também de Walter, rodado em dupla com Daniela Thomas). Eu estava há um tempo sem filmar, fazendo uma coisa ou outra, pequena, e ali sabia que tinha uma responsabilidade muito grande, ao ser chamado para assumir novamente um protagonismo, ao lado dos outros atores daquela família. Ao mesmo tempo, era o meu retorno ao cinema num trabalho que exigia uma performance e uma maturidade maiores. Eu era mais experiente do que quase todo aquele elenco, que nunca tinha feito cinema. Tinha a responsabilidade de trazer aquela galera comigo e, ao mesmo tempo, mostrar ao público que eu tinha condições de continuar como ator. Isso estava muito claro na minha cabeça.

Nesse intervalo, você também buscou formação teatral?

Estudei teatro nesse período. Fiz curso no Retiro dos Artistas, no Rio, e tirei meu DRT por conta do curso.

Foi importante para mim porque eu precisava entender melhor o ofício, além daquela experiência muito particular que tive quando criança.

O que você pode adiantar sobre seu personagem em “Leite em Pó”?

É um homem de 40 anos que foi criado pela avó até essa idade. É um roqueiro muito preso ao rock antigo, ao rock raiz, fechado num mundinho próprio. Até que acontece uma tragédia na família e ele se vê numa situação sem dinheiro e sem estabilidade. Surge então uma oportunidade de emprego que ele nunca imaginou fazer: vender álbuns de formatura. A partir daí, ele sai para um mundo ao qual não estava habituado ou que, de alguma maneira, renegava. Começa a encontrar pessoas que vão abrindo sua cabeça. Ao mesmo tempo, descobre um diário que vai lendo e que também provoca transformações. É um personagem que vai se modificando e aprendendo a olhar para o mundo em que vivemos hoje.

O que significa, para você, fazer um filme como “Leite

em Pó” fora do eixo tradicional de produção, ligado historicamente ao Rio e a São Paulo?

Significa ter novas experiências e entender que o cinema é muito maior do que um eixo. Em qualquer lugar temos condições de produzir cinema e, em qualquer lugar, existe material humano muito potente e qualificado para contar histórias. Num país do tamanho do Brasil, com esse potencial artístico, sair do eixo é mais do que uma obrigação. É também uma forma de dar oportunidade para que essas pessoas mostrem seus trabalhos e contem suas histórias.

Como é o curta que te põe em uma segunda competição nesta edição de Gramado?

Esse curta, o “Pão Doce”, é sobre jornada de trabalho. Na trama, eu herdei uma padaria do meu pai, que cuidava dos funcionários de uma maneira muito mais delicada do que eu cuido hoje em dia. E aí tem um empregado da padaria que é muito fiel, é o melhor trabalhador, que eu fico montando, explorando ele o tempo inteiro. Não dou folga de jeito nenhum.

Você completa 30 anos de carreira justamente agora. Quando olha para trás, qual é a lembrança mais forte dessa trajetória?

Tenho muita saudade das filmagens de “Central do Brasil”. É o filme do qual tenho uma memória muito nítida de tudo o que fizemos, dos lugares por onde passamos, das situações, das pessoas. Filmar no Nordeste foi uma das coisas mais bonitas que aconteceram na minha carreira. E “Central do Brasil” continua presente de uma maneira muito forte. As pessoas ainda me chamam de Josué, ainda lembram do personagem, e isso é muito bonito.

O que o Josué representa hoje para você?

É difícil separar o Josué da minha própria história. Ele cresceu junto comigo e continua na imaginação das pessoas de uma maneira muito rica. Gosto de preservar esse universo da criança que existe nele. Meus filhos já viram “Central do Brasil” e se emocionam. Então é bonito perceber que aquele menino continua chegando a outras gerações. Para mim, é uma memória muito afetiva das filmagens, do Nordeste e de uma fase da minha vida que mudou tudo.

O que a experiência de ser pai do Benjamin e do Antônio trouxe para você?

Uma responsabilidade imensa. Preciso criar essas crianças para terem empatia diante de um mundo tão violento.

Genealogia do feminicídio

‘Pele de Rinoceronte’ recria livremente o caso Ângela Diniz numa estrutura investigativa da violência contra as mulheres que inflama um Festival de Gramado cheio de filmes explosivos



Em ‘Pele de Rinoceronte’, uma advogada (Naruna Costa) e uma jornalista (Débora Falabella) se trombam num rumoroso caso de feminicídio



RODRIGO FONSECA

Especial para o Correio da Manhã

Vitaminado da pandemia para cá por acertos curatoriais de reverberação nacional, como a aposta em produções de estados pouco presentes nas telonas, como Goiás, Mato Grosso e o Acre, Gramado viveu os primeiros dias de sua edição nº 54 numa margem explosiva de filmes pautados no combate às células física e moralmente cancerígenas de nossa sociedade, como o racismo e a violência contra as mulheres.

Suspense de pompa hollywoodiana, mas rodado com aportes dos Estúdios Globo, “Antártida” abriu a maratona cinéfila da Serra Gaúcha a escancarar a negligência (e a incompetência) no trato do estupro, com Andrea Beltrão em modo Sigourney Weaver (aquela Sigourney de “Alien”). Na sequência, na abertura da competição oficial, “Feito Pipa”, do Ceará, veio falar de homofobia a par-



O produtor Marcello Ludwig Maia agora passa à direção

tir das peripécias de um menino queer, Gugu, vivido pelo baiano Yuri Gomes.

Quinze minutos depois de Yuri ter feito os olhos gramadenses marejarem em sua dobradinha com Teca Pereira (que vive sua avó), veio o primeiro dos quatro documentários em concurso do certame do Rio Grande do Sul: “O Projeto”. Qual lava vulcânica, o debate gerado pela realizadora Sabrina Fidalgo e seu parceiro, o fotógrafo suíço Yvan Rodic, fez arder as temperaturas em querelas sobre os ranços coloniais escravo-

cratas. Depois de neve, erupção teórica e um arco-íris inclusivo, Gramado encarou o terremoto antissextista trazido por “Pele de Rinoceronte”, produção de uma coragem indisfarçável ao revisitar o assassinato da modelo Ângela Diniz (1944-1976) pelo tóxico Doca Street (1934-2020).

O caso expôs a chamada “legítima defesa da honra”. O assunto move “Pele de Rinoceronte”, trabalho de estreia na realização de Marcello Ludwig Maia, produtor dos premiados “Amarelo Manga” (2002) e “A História da Eterni-

dade” (2014). Inspirado na brutalidade contra Ângela, o filme acompanha uma repórter de um jornal popular (Débora Falabella) e uma advogada criminalista (Naruna Costa). Seus destinos se cruzam por causa de um homicídio que chocou o Brasil na década de 1970 e marcou o início de uma discussão que, décadas depois, viria a desembocar no reconhecimento do feminicídio como uma questão central de violência contra as mulheres. Ambas as atrizes têm desempenhos catárticos. Há um ensaio de exposição retórica feita por Naruna para Irandhir Santos (que interpreta seu marido) capaz de evocar o monólogo de Anthony Hopkins em “Amistad” (1997).

A proposta de Maia não é simplesmente reconstituir a morte de Ângela, mas investigar as estruturas sociais, jurídicas e culturais que permitiram que a vítima fosse julgada moralmente enquanto o assassino encontrava argumentos para atenuar sua responsabilidade. No filme, Débora Falabella interpreta a repórter policial que acompanha o caso para um jornal popular, enquanto Naruna Costa vive a advogada encarregada de construir a acusação; Camila Lucciola interpreta a mulher assassinada. A narrativa estabelece um diálogo deliberado entre os anos 1970 e o presente: estão lá

a máquina de escrever, o telex, as roupas, a linguagem e a música da época, mas as discussões sobre violência masculina, preconceito, liberdade feminina e responsabilização continuam reconhecíveis. A direção de arte de Karen Araújo é de cair queixo.

“A gente não quis marcar a época para que pudesse ser visto como agora”, explica Maia, que também assina a produção, aclamado pela montagem de Marília Moares.

Ele construiu o projeto a partir de uma relação pessoal com o universo jurídico que cercou o caso. Ele cresceu próximo de familiares ligados à advocacia e conta que crimes passionais brasileiros dos anos 1970 e 1980 eram frequentemente discutidos em sua casa. Uma das suas tias, Kívia Maia, foi casada com Heleno Fragoso, advogado que participou do segundo julgamento de Doca Street, realizado em 1981 e que terminou com uma condenação a 15 anos de prisão.

Essa memória familiar levou o realizador a aproximar-se não apenas do crime, mas também dos bastidores das estratégias jurídicas, incluindo o chamado Salão dos Passos Perdidos, espaço dos tribunais onde advogados circulam e discutem caminhos para os processos. “Esse projeto é muito pessoal para mim. Eu escrevi esse argumento sozinho, não mostrei para ninguém, entrei no edital de desenvolvimento da RioFilme e ganhei”, conta.

A estrutura de “Pele de Rinoceronte” procura ainda multiplicar os pontos de vista, abrindo lugar para os homens que participam daquele universo, compondo uma narrativa fragmentada que pretende mostrar como uma mesma morte repercute de maneiras distintas em quem a presencia, investiga, julga ou tenta compreendê-la. A construção aproxima-se de uma espécie de poliedro dramático, no qual cada personagem revela uma face diferente do mesmo acontecimento. Nesse jogo, o filme procura evitar uma divisão simplista entre homens absolutamente culpados e mulheres em condição de vítimas, sem, contudo, relativizar a violência. As figuras encarnadas por Débora e Naruna se empoderam e combatem.

“Quando a tinta não é muito exagerada, você deixa de ver o que está ali. E eu quis muito mostrar o que está ali”, afirma Maia, defendendo uma abordagem baseada nas nuances das relações e dos processos. O realizador também assume a influência de cineastas com quem trabalhou ao longo da carreira, entre eles Cláudio Assis, a quem agradece por uma formação marcada pela “fúria criativa” e pela disposição de enfrentar as relações de poder entre homens e mulheres.

Gramado chega ao fim no sábado.

O riso para falar de assuntos sérios

‘O Filho das Mães’, de João Bethencourt, ganha nova montagem no Teatro Laura Alvim com seu título original após mais de duas décadas



Rodolfo Abreu/Divulgação

Narjara Turetta, Sergio Fonta e Jalusa Barcellos encabeçam o elenco de ‘O Filho das Mães’

João Bethencourt escreveu “O Filho das Mães” em 2005, quando falar de famílias homoafetivas no palco brasileiro era um ato de coragem. Mais de duas décadas depois, a peça

volta aos palcos pela primeira vez com seu título original - foi montada por anos com o título “Circuncisão em Nova York” - num tempo em que as configurações familiares que ela trouxe lá atrás estão mais naturalizadas, ainda

que o preconceito ainda não seja uma página virada pela sociedade brasileira. A montagem chega ao Teatro Laura Alvim, em Ipanema, integrando as comemorações do centenário de nascimento do dra-

maturgo, celebrado desde 2025, e reafirma a atualidade de um autor que escreveu cerca de 30 peças e soube usar a comédia de costumes como bisturi. Bethencourt, que também foi ator e diretor, construiu uma obra em que o riso é a

fermenta que aproxima o público de questões nada engraçadas. À frente do espetáculo, um elenco experiente. Jalusa Barcellos comemora cinquentenário de carreira no papel de Sarah, mãe judia que tenta esconder do marido conservador a verdade sobre a filha. Sergio Fonta, com mais de cinco décadas de palco, vive Abraão, empresário preso à tradição. E Narjara Turetta interpreta Miriam, a filha que decide contar à família que mantém um relacionamento com Emily e espera um filho por inseminação artificial. Miriam revela a verdade à mãe, que a esconde do pai. O doador de espermatozoides, Ralph, é confundido com namorado. Um segundo avô entra na confusão. Tudo converge para a cerimônia judaica de circuncisão — a Brith Milah —, quando os mal-entendidos ameaçam explodir. A diretora Pia Manfroni conduz oito atores — completam o elenco Carlos Loffler, Celso Andre, Duio Botta, Isabella Barros e Rose Scalco — por esse campo minado de revelações e desencontros. Escrito quando a discussão sobre diversidade familiar ainda engatinhava no Brasil, o texto de Bethencourt antecipou o debate sem jamais abandonar a leveza da comédia, uma reflexão sobre aceitação, respeito e a capacidade de amar para além das fronteiras do hábito.

SERVIÇO
O FILHO DAS MÃES
Teatro Laura Alvim (Av. Vieira Souto, 176 — Ipanema)
Até 26/8, terças e quartas (20h)
Ingressos: R\$ 50 e R\$ 25 (meia)

NA RIBALTA

POR AFFONSO NUNES



Divulgação

Ao som de Aznavour

“Charles Aznavour - Um Romance Inventado” reabre a temporada vespertina do Teatro Vannucci, com apresentações às quintas-feiras, sempre às 17h, até o dia 27. Sylvia Bandeira e Mauricio Baduh interpretam uma atriz e um jornalista cujas vidas se cruzam por meio de cartas ligadas ao cantor franco-armênio. A descoberta de correspondências extraviadas revela segredos e semelhanças entre os personagens. O musical traz canções de Aznavour com acompanhamento de Cris Caffarelli (piano) e Ulisses Venceslau (violino).



Juca Lafange/Divulgação

Muito além da coleira

O espetáculo inédito “Vida De Cão - Uma Amizade Fora Da Coleira”, de Ivan Fernandes, estreia no Teatro Café Pequeno até o dia 26, com sessões às terças e quartas, às 20h. A peça acompanha Renan, homem solitário e exausto pela rotina laboral, cuja vida se transforma ao acolher Wesley, um cachorro de rua. O encontro improvável devolve ao protagonista a capacidade de sentir e se reconectar com o mundo. A dramaturgia de Fernandes aborda solidão, burnout e os laços afetivos capazes de provocar mudanças profundas.



João Gabriel Monteiro/Divulgação

Desejos interrompidos

A companhia Armazém encena no Teatro do Centro Cultural Banco do Brasil a peça “Gaivota”, de Tchekhov, em temporada até 13/9. Ambientada em uma propriedade rural, a obra acompanha personagens movidos por desejos interrompidos, ambições artísticas e amores não correspondidos. Jopa Moraes interpreta Konstantin Treplev, jovem escritor que pretende reinventar a linguagem teatral, e Lorena Lima vive Nina, aspirante a atriz. A produção aproxima temas como ansiedade, validação e crise de pertencimento.

FOTOCRÔNICA CARLOS MONTEIRO

FOTOS E TEXTO



Ceará, terra sol

Há lugares que a gente visita e há lugares que visitam a gente. O Ceará é desses.

Chega primeiro pelo ouvido. Pelo sotaque. Aquele falar cheio de malemolência, de vogais abertas, de palavras que parecem dançar antes de chegar ao fim da frase. O cearense não fala apenas. Ele interpreta. Há humor na voz. Há música no jeito de dizer. Há uma espécie de sol escondido até quando o céu ameaça chuva. Depois vem o cheiro. E aí já não há mais defesa.

Baião de dois. Carne de sol. Peixe fresco. Camarão. Tapioca. Cuscuz. Rapadura. Castanha. Panelas fumegantes. Temperos que parecem guardar o segredo de muitas gerações. A culinária cearense não alimenta apenas o corpo. Alimenta a memória. Mas é quando os olhos encontram o mar que o viajante entende que chegou a outro lugar. Águas verde-esmeralda.

Verdes que parecem impossíveis. Azuis que o sol transforma em prata. Dunas que caminham com o vento. Coqueiros inclinados como se quisessem ouvir o que o mar tem a dizer. Guaramiranga, Canoa Quebrada, Flecheiras, Icaraizinho, Cumbuco, Lagoinha. Nomes que parecem ter sido inventados por algum poeta apaixonado pela natureza. E o Ceará continua surpreendendo.

Porque ali o sol não é apenas fenômeno meteorológico. É personagem. É fotógrafo. É pintor. Acende a areia pela manhã. Doura a pele à tarde. E, no fim do dia, transforma o horizonte em uma tela que nenhum artista conseguiria reproduzir.

Talvez por isso eu tenha uma convicção quase religiosa: todo ser deste planeta deveria conhecer o Ceará pelo menos uma vez na vida.

Assim como o muçulmano sonha em visitar Meca, há lugares que deveriam fazer parte da peregrinação humana. Lugares que nos lembram da dimensão do mundo e, ao mesmo tempo, da nossa pequenez diante dele.

O Ceará é a Meca tropical. Não por dogma. Por encantamento. É uma peregrinação feita de areia nos pés, sal na pele, vento no rosto e alegria na alma. Quem chega pode até pensar que vai apenas conhecer praias. Engana-se. Vai encontrar gente. E talvez essa seja a maior paisagem cearense.

O sorriso fácil. A conversa que começa sem cerimônia. A hospitalidade que não precisa de manual. O humor que aparece mesmo quando a vida aperta. A capacidade de transformar dificuldade em história e história em gargalhada. O Ceará é terra de sol, de um sol para cada um.

Mas também é terra de luz. Luz nas águas. Nas dunas. Na comida. Na voz. No olhar de quem recebe. E quando chega a hora de partir, acontece uma coisa curiosa. A gente leva fotografias. Leva lembranças. Leva sabores. Leva algumas palavras do sotaque tentando permanecer na memória. Mas deixa alguma coisa por lá. Talvez seja justamente isso que faz um lugar ser inesquecível. Você pensa que foi ao Ceará. Depois percebe que, de algum modo, foi o Ceará que veio morar dentro de você.

